

## EDITORIAL

**A Revista Crítica de Ciências Sociais** sai a lume por iniciativa de um grupo de docentes de ciências sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e tem por objectivo geral contribuir para o enriquecimento da investigação científica da realidade nacional, promover a reflexão e a discussão sobre os instrumentos dessa mesma investigação e fornecer informações e orientações para quantos, de um modo ou outro, se encontram ligados ao ensino e investigação das ciências sociais.

Trata-se de uma revista crítica porque se reconhece na resistência contra a conversão da ciência em geral e das ciências sociais em particular em instrumento de legitimação das desigualdades sociais e, portanto, do poder político que nestas se funda. Estende, no entanto, a resistência à própria crítica, sempre que esta caia no lodo tanto do dogmatismo e do sectarismo como do empirismo ingénuo ou, por qualquer outro modo, perca de vista a complexidade dos fenómenos sociais em que a ciência intervém.

**A Revista Crítica de Ciências Sociais** é a concretização mutilada de um projecto, originalmente muito mais amplo, de constituição de um polo de estudos sociais no centro do país e, mais concretamente, na Universidade de Coimbra. Este projecto, inicialmente dirigido pelo malogrado filósofo e poeta Professor Victor Matos e Sá, visava fundamentalmente a criação de um departamento de ciências sociais na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, orientado para a formação dos professores do ensino secundário—aos quais competiria a importante tarefa de abrir o ciclo pedagógico das ciências sociais—e possuído de vontade de inovar, tanto ao nível do esquema de profissionalização como da própria constituição científica, a partir das experiências (em muitos aspectos negativas) dos países onde o processo de institucionalização das ciências sociais se iniciara algumas décadas antes. A partir de Fevereiro de 1975,

a integração universitária do futuro departamento passou a ser projectada, por decisão governamental, para a Faculdade de Economia, criada dois anos antes pelo ministro Veiga Simão.

As vicissitudes políticas que desde o início enredaram o movimento em volta das ciências sociais impediram que o departamento entrasse em funcionamento durante o ano de 1975 e, em 1976, com a entrada do 1.º governo constitucional, o projecto do departamento perdeu-se definitivamente na voragem das medidas que, mais ou menos indiscriminadamente, foram tomadas no sentido de travar o processo nascente da institucionalização das ciências sociais no nosso país. Este facto, se outras razões não houvesse, seria suficiente para justificar o interesse da **Revista Crítica de Ciências Sociais** em promover o estudo sereno e profundo do processo histórico das ciências sociais no nosso país, sobretudo nas suas manifestações mais recentes.

A **Revista Crítica de Ciências Sociais** insurge-se com igual veemência contra a arrogante negatividade das medidas que têm vindo a ser adoptadas em matéria de política científica e contra o desvirtuamento científico e pedagógico de muitas das tentativas de institucionalização das ciências sociais, levadas a cabo no nosso país após o 25 de Abril.

Num país em que, durante décadas, a investigação e o ensino autónomos das ciências sociais foram considerados actividades subversivas, não é de espantar que a formação científica de quantos por tais matérias se interessaram tenha sido informal e quase clandestina ou então realizada no estrangeiro e em qualquer dos casos sempre à beira de perder o contacto com as realidades do país. Com uma capacidade mínima de intervir na sociedade, o conhecimento científico-social afirmou-se sobretudo como arma crítica, por vezes mal temperada, e sempre sujeita ao duplo controle ideológico dos censores internos e dos modelos científicos estrangeiros por onde se alinhavaram, com maior ou menor destreza, os conhecimentos e os desconhecimentos da sociedade portuguesa.

No pós-25 de Abril a «procura» de ciências sociais em geral e de sociologia em especial foi simultaneamente explosiva e equivocada. Confundiu-se muitas vezes sociologia com socialismo, convertendo-se as ciências sociais em sistema heróico de conhecimentos de engenharia social ao serviço da sociedade nova; conferiu-se-lhe uma dimensão délfica capaz de revelar, tanto o sentido das mudanças sociais (superficialmente fundas) entretanto operadas, como o sentido da história parada (tão aberrante quanto falsa) do longo tempo fascista.

*Mas o equívoco da «procura» alimentou-se em parte do equívoco da «oferta». Este revelou-se sobretudo no laissez-faire anárquico das experiências institucionais e pedagógicas, toleradas pela mão omissa de um Estado em crise revolucionária e legitimadas mais pela hubris da inovação do que por um critério aberto mas coerente de política científica. Tal processo veio, assim, a dar azo a desvirtuamentos e cegueiras, alguns dos quais passamos a enunciar.*

*Por um lado, assistiu-se à utilização, de forma não mediada, do complexo dos instrumentos analíticos para objectivos de propaganda, à redução da revolução da ciência à ciência da revolução, à confusão — tantas vezes inconsciente — entre revolução cultural e agressão ideológica e à degradação do marxismo até ao chão da doutrina dogmática (isto é, não problemática) e sectária (isto é, não pluralista), marginalizando e caricaturando outras correntes marxistas e a tradição científico-social não marxista.*

*Por outro lado, o teorismo, o discurso abstractizante, enfim, o globalismo analítico, não assente na riqueza das análises empíricas da realidade, substituiu-se, por processos de mistificação compensatória, à franciscana pobreza destas. Revelou-se na arrogância teórica perante a realidade e, mais especificamente, na redução das especificidades da formação social portuguesa aos esquemas, muitas vezes mediocrementemente reproduzidos, de teorias elaboradas a partir de bases empíricas e de conjunturas políticas muito diferentes. Revelou-se ainda na arrogância do discurso teórico, em si incapaz de se problematizar e de reconhecer as suas limitações, antes recorrendo a um afirmativismo autoritário dirigido à repressão da realidade rebelde e à sujeição ideológica de leigos confundidos, fossem eles estudantes ou o público em geral.*

*Por fim, a utilização oportunística do ensino para fins (pessoais ou outros) estranhos ao processo pedagógico desembocou na doutrinação política (por vezes partidária), na utilização indevida de títulos científicos e na estigmatização triunfalista de áreas científicas consideradas rrelevantes ou reaccionárias, para dar cobertura à incompetência científica pura e simples.*

*Mas estes desvirtuamentos foram apenas o contrapeso de um momento histórico da renovação científica, rico e complexo, em que, a par das experiências negativas, muitas outras rebentaram, positivas e cheias de potencialidades.*

*O processo de destrinçamento entre umas e outras que, a pouco e pouco, se foi gerando — e de que foram agentes privilegiados os destinatários dessa renovação, os estudantes, sobretudo os universitários — foi abruptamente interrompido pela pancada seca e cega das medidas do 1.º governo constitucional, medindo tudo pela mesma rasa e usando uma bitola ideológica que fez ressoar aqui e acolá o discurso desdentado da ordem velha que se julgava e queria morta. Houve sobretudo a preocupação de destruir, e tanto, que se chegou a abrir o jogo ideológico e institucional àquelles que nunca perdoaram o excessivo liberalismo de Veiga Simão e que, tendo esperado em vão pela vingança antes do 25 de Abril quase a conseguirem agora, meio atordoados, nesta sociedade constitucionalmente em transição para o socialismo.*

*Num país de fome e de fartura queimou-se a seara para a livrar das ervas. Num país em que a política nunca transcendeu o universo familiar, confundiram-se projectos científicos e pedagógicos alternativos com as rivalidades pessoais e os revanchismos miúdos dos seus agentes. Pode dizer-se que estas medidas foram bem o retrato da arrogância exangue da burguesia nacional, sempre opulenta nos seus fundilhos, sempre fraca na sua força só repressiva, sem poder agir ainda em nome próprio, mas dando já sinais do que vai ser quando voltar a ser.*

*Não se pode falar de política científica a propósito do conjunto desconexo de medidas negativas até agora tomadas em matéria de ciências sociais. Mas a reconstrução oficial destas, a que vamos assistindo apesar das suas hesitações, é já suficiente para indicar que se trata de um processo musculado, politicamente clientelista, avesso à inovação e à experimentação, insensível à conflitualidade interna das ciências sociais e hostil à contestação por que actualmente passam as políticas científicas oficiais da Europa capitalista. Reproduzindo insidiosamente o que mais criticou no projecto político de esquerda, por si mais combatido, este processo, parte doutro mais amplo, passa da condenação do isolamento orgulhoso à imitação ajoelhada, basbaque e retrazada dos modelos estrangeiros ou das organizações internacionais bem pensantes, cuja vocação univversalista é o barco preso dos interesses dos países hegemónicos.*

*É pois de temer que deste berço nasça um conhecimento social velho, domesticado e apologético e nem sequer possuído da lucidez liberal com que se tem administrado a tolerância da contestação radical nas sociedades capitalistas avançadas.*

*Neste contexto difícil e aliciante é necessário construir desde já as alternativas.*

*A crítica só vê quando se vê e só é profunda quando mergulha as suas raízes no objecto que critica. Daí a necessidade de submeter a um escrutínio rigoroso as concepções dominantes das ciências sociais (que são as concepções dos países dominantes) confrontando-as com as especificidades do processo social português a caminho do socialismo. O distanciamento vigiado e selectivo que isto implica em relação às nossas fontes de enriquecimento cultural e científico é o reverso da consciência de que a globalização do mundo, nas actuais circunstâncias, é uma busca degradada de internacionalismo. Em vista disto, avançamos desde já a ideia de que o nacionalismo não pode continuar a ser, em Portugal, o monopólio do pensamento conservador. E para tal é necessário que ele seja colocado na dupla dialéctica de um mundo dividido em blocos e de um mundo capitalista dividido em países centrais e periféricos.*

*Entre os esforços que em Portugal vão sendo feitos para construir alternativas científicas coerentes, a **Revista Crítica de Ciências Sociais** reivindica um lugar. Modesto, mas um lugar.*